

## Samba, Feijoada e Música gospel:

### Outras faces do Pentecostalismo nas periferias urbanas<sup>1</sup>

Frederico Felipe Souza de Assis - UFRRJ

*Palavras-chave: periferias urbanas; religião; cultura*

Assíduo nas mídias sociais, no dia 22 de Outubro de 2018, o cantor Waguinho fez uma publicação que despertou a atenção de 424 seguidores daqueles 81,9 mil que na época acompanham suas atividades no *Instagram*.

A referida publicação tinha por finalidade divulgar um evento intitulado como “*Féjoiada do Waguinho*”, prevista para ser realizada no dia 02 de novembro daquele mesmo ano. Nesta mesma ocasião, seria realizada uma roda de samba e a gravação do clipe da canção “*Motivo do meu Samba*”<sup>2</sup>, composição do cantor Jobinho.



Flyer da 1º edição da “Féjoiada do Waguinho”

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de Agosto a 03 de Setembro de 2022.

<sup>2</sup> Samba interpretado por Waguinho, gravado na Favela do Vidigal.  
<https://www.youtube.com/watch?v=X6dYoPTNbf0>

Com este bom trocadilho e a irreverência comum ao “*ethos*” de sambista, a “*Féjoiada do Waguinho*” estava marcada para acontecer na favela do Vidigal, mais precisamente, na Laje do Neguinho, um espaço onde são realizadas festas particulares, bailes funk, pagodes e, agora, seria ocupado por um evento gospel. Conforme analisado por Oosterbaan (2009) existe uma forma de ocupação e disputa dos espaços urbanos que se dá através da produção sonora, sobretudo musical. A música dos bailes, cultos, pagodes e outros eventos realizados nos morros produzem e reforçam laços afetivos e, até mesmo, comunitários para além dos lugares geográficos em que ocorrem; identificam grupos sociais, narram seu cotidiano e suas demandas.

Para abrilhantar o evento, também estariam presentes alguns cantores e grupos de “samba gospel”<sup>3</sup>, tais como os *Ministérios 100% Fé*, *Grupo Nova Geração* e *Chega mais pra Cristo*<sup>4</sup>. Dentre os artistas convidados para aquela resenha estavam o pastor, cantor e compositor Felipe Silva; os músicos Jobinho e Jorginho Dom e, é claro, o próprio Waguinho, como atração artística principal.



Waguinho e amigos pagodeando na Favela do Vidigal

---

<sup>3</sup> Categoria nativa, compreendida como subgênero do Gospel brasileiro, geralmente utilizada para classificar uma forma musical de “louvor e adoração” onde as interações de elementos do samba com alguns conteúdos religiosos, marcadamente, evangélicos, produzem letras, sonoridades, e performances e sociabilidades híbridas peculiares. Tais práticas sociais geralmente são exercidas por cantores e músicos evangélicos já familiarizados com o samba. Este termo também aparece em campo como “pagode gospel” e até mesmo “pra God”. Categoria pouco empregada em relação à música católica.

<sup>4</sup> Grupos evangélicos adeptos da prática de samba.

A ideia de um evento neste formato teve boa aceitação. Prova disto é que, no mês seguinte, no dia 14 de Dezembro, haveria uma outra edição da “Féjoiada do Waguiinho”, mas desta vez, ao invés do Vidigal, o local escolhido seria o município de Duque de Caxias, na região da Baixada Fluminense e, é exatamente à esta edição da “Féjoiada” que daremos maior destaque, para desenvolver este trabalho.



Flyer da 2ª edição da “Féjoiada do Waguiinho”

Era 14 de dezembro, minha curiosidade e ansiedade se intensificavam a cada hora que passava. T tamanha inquietude se dava pelo fato de que não pude acompanhar pessoalmente a primeira edição da “Féjoiada” realizada em 02 de Novembro; data em que minha tia avó Nadir faz aniversário. Tia Nadir, também chamada de “Tia Preta”, é uma mulher negra, de pele retinta, cria da periferia carioca; candomblecista amplamente envolvida com o samba, desde sua juventude. Apesar de não ser a mais velha da família, sempre demonstrou proatividade e espírito de liderança, por esta razão, Tia Preta é bastante querida e respeitada em nosso meio.

O coincidir da comemoração do aniversário de 83 anos de Tia Preta, com a data da primeira edição da “Féjoiada” me fez encarar um dilema como pesquisador: Ir a campo ou ficar em casa? Passei horas tentando calcular os prós e contras de cada uma das

opções; consultei minha orientadora; mas no fim, eu já sabia que a decisão era minha. Depois de muito refletir, resolvi ficar em casa e curtir o aniversário de Tia Preta que, tradicionalmente, reúne a família para celebrar a vida, com samba, cerveja e uns panelões de feijoada, seja na rua ou no quintal.

Enfim, voltemos ao dia 14 de dezembro. Como sou morador do bairro de Cosmos, Zona Oeste do Rio de Janeiro, resolvi sair mais cedo de casa, por considerar as dificuldades de mobilidade urbana pelas quais somos afetados. Daqui para lá, além do trânsito intenso na Avenida Brasil, a distância de mais de 40 km até Duque de Caxias me deixava preocupado. Meu destino era o Parque Lafaiete, um lugar ao qual eu nunca havia frequentado, mas já tinha uma certa “noção” do que poderia encontrar. Na época, as notícias midiáticas sobre a região da Baixada e também dos rumores que rondam o cotidiano de cariocas e fluminenses me faziam imaginar um cenário perigoso e isto me deixava tenso. A área citada, de acordo com os noticiários, é um dos muitos locais de atuação das Milícias no Rio de Janeiro e por esta razão se torna alvo de disputa, palco de rivalidades políticas e até confrontos armados, o que faz deste território um ambiente de instabilidades, no que tange à Ordem Pública.

Meu deslocamento se iniciou por volta das 17h30min e o evento, por sua vez, estava marcado para às 19h. Ainda assim, o atraso foi inevitável. Cheguei em Caxias pouco antes de 20h. Ao longo da viagem, mantive-me conectado à internet, atento ao *Instagram* de Waguinho, na expectativa de acompanhar as postagens nos *stories* ou uma possível transmissão ao vivo que me desse uma noção do andamento da “Féjoiada”, pois minha maior preocupação era, além de, talvez, não encontrar o local; perder muito daquilo que eu ansiava por experienciar neste evento.

Desde às 19h não havia sinal algum, nas redes sociais de que o evento já estivesse acontecendo. E isso aumentava minha insegurança e ansiedade. Foi aí, que durante o percurso resolvi enviar, pelo *Instagram*, uma mensagem *inbox*, para Waguinho, sem muita esperança de que ele me respondesse. “Bota água no Feijão, que eu tô chegando!”. Assim dizia a minha mensagem. Essa expressão popular traz a ideia de que se faz necessário aumentar a quantidade de comida, haja vista que uma visita inesperada está a caminho.

Desci do ônibus, apressado, na Avenida Nilo Peçanha, o mais próximo possível da Rua Prefeito Ribeiro, onde se localiza a *Assembleia de Deus Projeto Família*<sup>5</sup>, conforme me mostrava o *Google maps*. Passei por algumas ruas desertas, não muito bem iluminadas e nem sinalizadas com placas e nomes das avenidas. Os poucos estabelecimentos comerciais que encontrei neste trajeto estavam fechados, logo, não seria possível pedir orientações para encontrar a já referida igreja. Ainda assim, continuei a caminhar rumo à Assembleia.

Localizei a rua, mas ainda havia uma outra dificuldade: entender o critério adotado para a numeração de casas. A ordem em que os números das casas estavam expressos não seguiam um padrão, pelo menos no trecho em que eu me encontrava. Tal aleatoriedade nos números das residências me deixou confuso para decidir a direção que eu deveria tomar.

Andei para o lado oposto sem saber, e quando percebi, retornei por uma enorme rua. Verifiquei a numeração e agora sim, aparentemente, estava indo no caminho certo. Num dos pontos mais altos daquela rua, notei que aquela localidade era uma espécie de morro, não tão íngreme e de pequeno porte. As pichações nos muros, a rua deserta e pouco iluminada, a estética das casas, tudo ali ao meu redor trazia-me à memória um teor de familiaridade e, ao mesmo tempo, medo. Desci aquela ladeira e já era possível ver uma tenda branca, no meio da mesma rua em que eu caminhava. Aliviado, suspirei. Enfim, havia encontrado o local da “Féjoiada”.

Maior do que minha ansiedade era a fome que eu sentia. Apesar do ótimo cheiro da comida, preferi esperar mais um pouco. Até porque, aparentemente, Waguinho ainda não havia chegado. Sendo assim, deixei a pressa de lado e procurei rapidamente me enturmar, pois eu precisava colocar meu celular para carregar, a fim de registrar o evento e acompanhar as mídias sociais.

Passei por entre os equipamentos de som e instrumentos musicais, driblei mesas e cadeiras e entre um boa noite e outro, um fervoroso “Paz do Senhor!”, acompanhado de um sorriso, entrei na pequena igreja, tentando passar um ar de naturalidade, com passos firmes e olhar atento.

De imediato, percebi que o templo estava sem aqueles típicos bancos de madeira.

---

<sup>5</sup> Igreja Evangélica onde a “Féjoiada” foi realizada  
<https://www.google.com/search?q=rua+prefeito+ribeiro%2C+caxias&oq=rua+prefeito+ribeiro%2C+caxias&aqs=chrome..69i57j0i22i30l3.27418j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

Também não havia cadeiras ou poltronas. As paredes pintadas em amarelo claro estavam contornadas por azulejos brancos. Observei-as com atenção até avistar alguma tomada vazia e dar carga ao meu celular. Encontrada a tomada, informei prontamente às senhoras que por ali circulavam que aquele aparelho à carregar na tomada me pertencia. Sorrindo, uma das senhoras respondeu: “Tudo bem, fique à vontade!”. Agradei acenando a cabeça e sorrindo de volta. Aproveitando aquela oportunidade, observei, ainda, qual era a atividade que aquelas senhoras estavam exercendo, já que a circulação de mulheres dentro do recinto era considerável. Boa parte das mulheres eram, ao meu entendimento, pessoas negras de pele clara, que apesar dos cabelos crespos “pranchados”, possuíam traços negróides bem aparentes.

Aquela estrutura improvisada dentro do templo era uma espécie de brechó voltado para o público feminino. Dentre as indumentárias ali expostas havia a predominância de vestidos elegantes e saias que pareciam ser de tecidos mais leves e refinados.

Deixei meu celular carregando e voltei para a rua, onde bem em frente à porta principal da igreja estavam montadas as tendas do evento em questão. Em seguida, caminhando pela calçada, dirigi-me até o local onde seriam servidas as refeições; um espaço improvisado, provavelmente uma garagem para carros, em outras ocasiões, situada do lado direito do templo. Ali, encontrei cinco senhoras negras, em sua maioria de pele retinta, aparentando meia idade e algumas já idosas. Competia a estas senhoras executar as tarefas de atendimento ao público, recebimento do dinheiro, entrega do troco, enfim, toda movimentação do caixa. Cabia, ainda, a elas o preparo dos pratos e a distribuição das refeições.

A imagem daquelas senhoras negras evangélicas me fez lembrar de minha Tia Nadir. Não somente pela aparência, mas também pelo conjunto de símbolos contidos naquele contexto: Mulheres negras, feijoada, samba, periferia.

Ao falarmos da relação entre samba e mulheres negras, no contexto urbano, certamente nos recordaremos de figuras que desempenharam papéis importantíssimos para o desenvolvimento, proteção e afirmação destas práticas comunitárias: As “Tias baianas” (Moura, 1995; Cabral, 1996). Personalidades como Tia Perciliana, Tia Amélia, Tia Bebiane e a famosa Tia Ciata, mulheres protagonistas da história social do samba que atuaram a partir e para além dos terreiros e rodas de samba.

Apesar da diferença dos contextos em que esses distintos grupos de mulheres negras construíram suas trajetórias, é inegável que elas sejam detentoras de saberes

amplamente respeitadas em suas comunidades religiosas, bem como em suas respectivas redes de sociabilidade.

Se no imaginário social brasileiro a relação entre feijoada, religiões de matriz africana e samba já está consolidada como uma expressão cultural do cotidiano das periferias urbanas, é importante que se ressalte o caráter não monolítico, heterogêneo e dinâmico destes territórios e dos modos de vida que hoje os (re) fazem, uma vez que a diversidade de presenças, agências e negociações realizadas nessas localidades produzem novas percepções, experiências e novos sentidos. Pesquisas recentes como os trabalhos de Paz (2019), Machado (2020) e Oliveira Júnior e Cruz Júnior (2020) são fundamentais para melhor compreender, por exemplo, como as práticas sociais da religião pentecostal tem influenciado as subjetividades periféricas e como os modos de vida nas periferias urbanas tem igualmente reformulado as práticas da religião pentecostal, sobretudo no que diz respeito ao complexo simbólico-cultural produzido e potencializado por negros e negras que, através da música, circulam e (re) ordenam as margens da cidade, acionando e articulando elementos da religião e da cultura como forma de repertório de gestão de suas rotinas. De acordo com a antropóloga Carly Machado:

“Falar sobre as periferias urbanas no Brasil hoje nos exige falar sobre o pentecostalismo no país. Práticas e repertórios pentecostais se imbricam profundamente na trama do cotidiano dessas periferias. Igrejas e pastores evangélicos ganharam destaque nas últimas décadas como atores e mediadores das relações densas e sensíveis nesses contextos. A experiência evangélica, cuja presença costumava ser mais discreta há algumas décadas, passou a compor de modo mais ampliado e explícito o mosaico de elementos que se articulam na formação de subjetividades periféricas” (MACHADO, 2020, p.81)

## Sabores, saberes e sagrados

A feijoada em seu contexto mais tradicional não deve ser compreendida apenas como uma mera refeição. Primeiro por haver um caráter político na escolha do prato. Cozinhar é também uma arte, é demonstração de técnica e, por que não dizer, demonstração de poder? Os saberes produzem sabores que por sua vez produzem sensações, histórias, memórias afetivas, estreitam laços e incitam relações. Além de ser um prato extremamente popular, carregado de histórias e significados, a feijoada no contexto fluminense é símbolo amplamente ligado à religião, seja pela perspectiva das umbandas e candomblés, seja pela perspectiva católica, tendo em vista a íntima relação que este prato tem da figura de Ogum e de São Jorge (Silva,2005).

Em se tratando de samba, diversas são as composições em que diversos orixás e santos católicos são mencionados; dentre esses, Ogum e São Jorge se destacam, possivelmente, em virtude das aproximações semióticas realizadas pelo processo histórico de sincretismo religioso, do contexto brasileiro.

Se em outrora, os estudos sobre os modos de vida nas periferias normalizaram a presença imagética e sonora de elementos religiosos (católicos e de matriz afro) em nosso arcabouço cultural, atualmente, precisamos retomar estes debates sem negligenciar ou exotizar as práticas sociais pentecostais que de modo peculiar, desde a “Explosão Gospel” (Cunha, 2007) tem reformulado ideias e conceitos de laicidade e secularismo, no Brasil (Asad, 2003, Montero, 2006; 2018 e Giumbelli, 2008) e incidindo diretamente na cultura, a ponto de, por exemplo, tornar o pentecostalismo patrimônio imaterial do Estado do Rio de Janeiro.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Em Outubro de 2021, o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro sancionou uma lei, de autoria do Deputado Samuel Malafaia, que declara o movimento pentecostal, o pentecostalismo, como patrimônio imaterial do estado.

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1923.nsf/0c5bf5cde95601f903256caa0023131b/8966814ba883504b032587030059ca75?OpenDocument&Highlight=0.4431>

Por esta razão, debruço-me novamente sob o trabalho de Machado (2020) a fim de reforçar o argumento de que as culturas de periferias e as práticas pentecostais se encontram atualmente em relação tão íntima que, devemos considerar a presença e agência evangélica para melhor compreender o cotidiano nas periferias:

“O campo da produção artística e cultural é um terreno fértil para essas análises. Reflexões como as de Novaes (2012) sobre a cultura hip-hop, juventude, periferia, cultura e religião nos apontam caminhos sólidos de reflexão. E quanto mais tratarmos a música gospel como uma produção cultural relevante à compreensão da vida nas periferias na atualidade (tal como o funk, o hip-hop, o rap), mais poderemos nos arriscar nos emaranhados que nos ajudam a entender subjetividades e modos de vida nas periferias urbanas brasileiras.” (MACHADO, 2020, p.99)

### **A “Féjoiada”**

No evento em questão, a refeição completa disponível era composta por arroz, feijão e as típicas carnes típicas do prato em questão, além de farofa e couve. Cada prato custava R\$20,00 (vinte reais); preço bastante compatível com os valores desta mesma refeição nas Escolas de Samba que eu havia frequentado, naquela mesma época.

Desejei boa noite, solicitei meu prato e fiz o pagamento com uma nota de R\$50,00. Como não havia troco ainda, combinei com a senhora do caixa que eu poderia pegar o troco, sem problemas, após terminar minha refeição. Cerca de uns 10 minutos aguardando na pequena fila, fui devidamente servido. Procurei sentar nas mesas mais à frente, bem perto de onde a base do grupo de pagode já afinava seus instrumentos e fazia a passagem de som, desde que eu havia chegado.

Como nas rodas de samba realizadas em outros espaços, ditos “seculares”, encontrava-se ali, em formato semi circular, as cadeiras que seriam ocupadas pelos músicos, posicionadas ao redor da mesa principal, de onde seria produzido o pagode (Moura, 2004)

O grupo que já iniciava algumas palhinhas para testar o som, era o “*Ministério 100% Fé*”, grupo de pagode que, em outra época, atuava musicalmente para outro nicho, quando ainda utilizavam o nome de “*Grupo 100%*”. Este mesmo grupo, após afinar os instrumentos, fez uma breve oração, agradeceu a presença de todos e deu início ao samba, entoando os louvores.

Olhei para frente e vi um casal atravessando a rua, na direção da tenda onde ocorria o evento. Era o cantor Waguinho<sup>7</sup> e sua esposa, a Missionária Fabíola Bastos<sup>8</sup>.

Ostentando sorrisos para todos os lados, o casal mais esperado da noite fez questão de cumprimentar os convidados que para eles acenavam ou que deles se aproximavam.

Waguinho, como um típico carioca, distribuiu abraços e apertos de mãos a todos que dele se aproximavam. Esta sequência de gestos me fez lembrar do famoso “corpo a corpo” exercido por candidatos políticos, em época de eleição. Imediatamente, caiu a ficha de que eu estava diante do, até então, Secretário de Cultura de São João de Meriti<sup>9</sup>, o mesmo homem que ocupava o cargo de pastor evangélico e, ainda por cima, era cantor de “Samba Gospel”.

Waguinho estava usando uma blusa da moda, dessas com botões, tecido leve, com fundo preto e estampa com flores brancas (blusa que inclusive era no mesmo estilo da que eu usava). Fabíola, por sua vez, mesclando simpatia e timidez, sorria mais discretamente e, assim que lhe foi possível, dirigiu-se a um grupo de mulheres do recinto, possivelmente, as anfitriãs daquela igreja, e com elas permaneceu.

O caráter mais discreto de Fabíola também podia ser visto pelo estilo de roupas que usava, naquela ocasião: uma blusa preta, sem muitos detalhes e uma saia jeans longa, com uma tonalidade de azul claro.

Enquanto eu ainda estava jantando, torcendo para que o celular estivesse a todo

---

<sup>7</sup> Filho da “faxineira”, Dona Bibi (uma mulher negra), com o Gari, Sr. Osmar (um homem branco), o cantor Waguinho nasceu e foi criado no Complexo de favelas da Vila Cruzeiro, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Sua inserção no “Mundo do Samba” se deu por intermédio de sua avó paterna, a falecida Dona Concha que foi uma das fundadoras do famoso bloco “*Cacique de Ramos*”, em 1961. Desde de 1965, ano de nascimento de Waguinho, a família já o incentivava a experimentar aquela vivência cultural, na finalidade de garantir a preservação de um dos maiores legados da cultura afro brasileira: o Samba.

<sup>8</sup> Pastora e Missionária da Assembléia de Deus Vitória em Cristo, esposa de Waguinho. Principal responsável pela conversão religiosa de Waguinho, no início dos anos 2000, conforme o próprio Waguinho enfatiza em seus testemunhos e canções em que faz menção à Fabíola ou a homenageia.

<sup>9</sup> Waguinho pertenceu à Secretaria de Cultura, Lazer, Direitos Humanos e Igualdade Racial

vapor, carregando, havia outro, além de mim, preocupado com o celular e as redes sociais: Waguinho. Após ter cumprimentado boa parte do público, o cantor tirou um telefone do bolso e começou a utilizar o aparelho. O inseparável Samsung prateado que nos cultos em que acompanhei estava sempre nas mãos de Waguinho, revezando espaço de destaque e utilização com a Bíblia do cantor. Pelo que pude observar, Waguinho estava fazendo vídeos, provavelmente no *Instagram*, onde o cantor é bastante ativo.

Tentando manter um ar de naturalidade, deixei meu prato na mesa e fui em busca do meu celular para verificar as possíveis postagens do sambista e fazer meus próprios registros. Entrei na internet e lá estava! Um *storie* no “*Insta*” de Waguinho. Fui até a porta da igreja, tirei algumas fotos do local. Voltei para o interior da igreja, deixei, novamente, o celular carregando e, voltei depressa para rua, a fim de terminar minha refeição.

Como era muito requisitado, Waguinho circulava por todos os cantos da tenda. Só não circulava tanto quanto um simpático gordinho, com camisa do Flamengo. Desde a música de abertura do evento, aquele rapaz que aparentava uns vinte e poucos anos, não parava quieto e roubava a cena, pelo seu cantar e bater de palmas mais exaltado e o seu descarado samba no pé. Em certos momentos ele interagiu diretamente com Waguinho, filmando-o, abraçando-o e o fazendo gargalhar, movimentando-se sem filtros, com uma simpatia que não nos pedia licença e nem tinha melindres para atuar.

Numa das mesas, à direita da roda de samba, havia ainda um grupo de homens para qual o cantor Waguinho gesticulava, por estar posicionado do lado oposto da rua. Estes homens faziam parte da equipe de apoio à “*Féjojada do Waguinho*”, conforme era possível ver estampado na blusa de alguns que compunham aquela mesa. Os pratos destes rapazes já estavam sendo providenciados, a pedido de Waguinho que neste momento se encontrava próximo ao local onde são servidas as refeições. Waguinho retornou para a mesa do referido grupo e foi juntamente com estes homens que o cantor pôs-se a jantar. Enquanto eles iniciavam a apreciação da feijoada, eu já estava terminando a minha.

Recordei-me, então, que eu ainda não havia pegado o troco. Como o local de entrega dos pratos utilizados era o mesmo do caixa, levantei para devolver meu prato e pegar o troco. Apesar da pequena demora no atendimento, aguardei tranquilamente. Peguei meu troco, agradei e me retirei.

Fui até o interior do templo, para verificar em que condições a bateria do celular se

encontrava. Acabei ficando por lá, durante algum tempo, respondendo às mensagens em minhas redes sociais, tempo o suficiente, para que o *setlist* do Grupo 100% Jesus chegasse ao fim e então houvesse um intervalo.

A partir deste momento, mesmo no interior do templo, comecei a ouvir um som mais potente, a estremecer aquele espaço. Era uma batida bastante familiar, presente e atuante nos territórios fluminenses, um ritmo bastante atual, cercado de estigmas e polêmicas: o funk 150 bpm, entretanto, a letra que acompanhava aquela estrondosa e envolvente batida possuía explicitamente um teor religioso. Era o “Funk Gospel”. Enquanto eu continuava mexendo no celular, recebi uma mensagem *inbox* no *Instagram*. Era a resposta de, nada mais, nada menos, que Waguinho que logo em seguida adentrou ao templo. Ele me reconheceu e sorrindo disse “Falou que iria vir e veio mesmo, einh?!”. Sorri de volta e o abracei, respondendo: “E aí pastor, beleza? Demorei mas cheguei”. “Show de bola”, respondeu ele. Após ser chamado por um senhor, Waguinho se retirou e, foi então que, eu retornei ao meu lugar à mesa.

Instantes depois, começaram a anunciar que Waguinho já iria cantar. O pastor Marcos Siqueira, líder da igreja que estava sediando a “*Féjoiada*”, convidou Waguinho para ir à frente e, enfim, poder “dar uma canja”. Prontamente, os músicos do *Grupo 100% Fé* se reordenaram, o operador de som ajustou a equalização do microfone de Waguinho e o pagodeiro, enfim, deu o seu recado.

Seguindo o rito religioso, alternando-o com a bossa de sambista, Waguinho desejou “A paz do Senhor!” e logo em seguida, um “Boa noite!” acompanhado de um “Fala aê, rapaziada!”, dirigindo-se aos vizinhos da igreja, que ocupavam as calçadas, sentados em cadeiras, desfrutando daquela noite de clima fresco e do evento na porta de casa. Além de cumprimentar a vizinhança, Waguinho ainda deu um alô aos homens que estavam num bar, quase de frente ao singelo templo.

Realizadas as devidas formalidades, o grupo de pagode gospel à postos deu início à apresentação. Iniciada pelo refrão, e praticamente à capela, a canção “Motivo do meu Samba” trata sobre a história de um alguém que passou pelo processo da mudança de conduta moral e ética, fala sobre sentimentos e situações da vida pregressa e de uma alteração no curso da vida social. Tudo isso, contado na 1ª pessoa do singular:

***Hoje a minha vida é do Pai e o Espírito santo é quem manda,  
Jesus Cristo é o motivo do meu samba (refrão)***

*Eu andava no mundo tentando encontrar um sentido pra vida  
E andava no escuro, perdido, em apuros, sem ver a saída  
Só tristeza no peito e meu rosto mostrava uma falsa alegria,  
mas eu não sabia, ah! eu não sabia!  
Que na ignorância havia em meus ombros um fardo pesado,  
estava morto em vida, atado à correntes ligado ao pecado  
Só havia uma chance de ter os meus passos guiados na luz,  
minha esperança estava lá na cruz  
Na cruz do calvário, onde Cristo venceu o inimigo  
e ressuscitou me deu nova vida abundância  
enchendo o meu peito de paz e amor*

***Hoje a minha vida é do Pai e o Espírito santo é quem manda,  
Jesus Cristo é o motivo do meu samba (bis)***



Waguinho na roda de samba gospel

Após entoar '*Motivo do meu Samba*', Waguinho deu prosseguimento ao seu repertório musical. Interagindo com todos que por ali estavam, Waguinho nos convidou a cantar juntos, bater na palma da mão e no final, pediu que nos levantássemos para "cair no samba". Ao que me parecia, alguns fiéis esqueceram-se de manter aquela postura mais contida, entendida pelo senso comum como sendo "conservadora" e

balançavam seus corpos conforme o pagode exigia.

Ainda assim, eu percebia uma certa tensão entre aquelas pessoas, sobretudo no mover ou conter de seus corpos, enquanto expostos àquela sonoridade dotada de poderes e encantos. Em contrapartida, surpreendia-me como o cantor Waguinho conduzia, ali, as negociações com o corpo, que além de carne é templo. A maneira pela qual o pagodeiro gospel exercia a gestão das pessoas, naquele espaço, no meu entender, só era possível em virtude de sua expertise híbrida, adquirida nas rodas e redes de sociabilidades por onde transitou.

Antes de encerrar seu show, Waguinho interagiu bastante com seu público, creio que por aproximadamente 50 minutos. Ao longo de sua apresentação, convidou alguns fiéis para “dar uma canja”. Dentre os convidados a dar uma palhinha estava a Missionária Cristina Duarte, uma senhora, negra, de cabelos grisalhos, presos em coque. A missionária usava roupas discretas: um vestido marrom longo, muito parecido com o tipo de vestimenta que outras “varoas” assembleianas, aqui entendidas como “tradicionais”, até hoje utilizam, em conformidade com a doutrina que adotam. Ainda que seja um tipo de vestimenta bastante utilizado, no meio pentecostal, devemos ser cautelosos para não reproduzirmos uma imagem estereotipada das mulheres negras pentecostais, sobretudo acerca daquelas que se autodenominam “canela de fogo” “do manto” ou do “reteté”. (Guerreiro, 2019; Pereira, 2019) Após cantar brevemente alguns louvores e trechos de “corinhos de fogo”, acompanhada por palmas vigorosas e expressões corporais desinibidas que marcavam a cadência daquelas canções, a Missionária Cristina Duarte entregou o microfone saiu de cena, sob aplausos

Em seguida, Waguinho homenageou a esposa Fabíola, como sempre faz, nas redes sociais, cultos e demais apresentações, visto que foi a esposa o “canal ” para que ele pudesse “aceitar a Jesus”, como estopim de seu processo de conversão. Orou pelos que estavam presentes, convidou ao que estavam no bar ali próximo a se unirem em oração e eles prontamente o atenderam, uns com a mão levantada, outros com as mãos no peito e de cabeça inclinada levemente para baixo, em sinal de reverência.



Missionária Cristina Duarte e Waguinho

Encerrada a apresentação, o cantor posou para fotos e eu não poderia perder a oportunidade de um bate papo informal e mais uma foto com ele. Assim que possível, solicitei a uma jovem que estava perto de mim que pudesse tirar uma foto minha com Waguinho, utilizando o meu celular. Como ela havia acabado de ser fotografada com ele, o clima de descontração já estava estabelecido ao redor, e assim foi fácil a aproximação. Considerando também que, eu já havia interagido anteriormente com o cantor, procurei evitar certas cerimônias, sem porém ser tão desagradável ou invasivo. Abraçados, posamos para a foto, sorrindo. Agradei a menina pelo ato de gentileza, ao devolver meu celular.



Waguinho e eu, ao final do evento

Dirigi-me novamente a Waguinho, agradecendo por ter posado junto a mim, para a foto e o parabenei pela realização do evento. Ele retribuiu agradecendo pelo apoio. Aproveitei para ressaltar que, ao meu ver, o diferencial daquele evento era esse diálogo com a galera que não é da Igreja e que por ser um evento na rua, seria mais fácil trocar ideia com o pessoal. Ele respondeu que a intenção é essa mesmo, principalmente devido ao fato de que exatamente de frente para a igreja (templo) morava uma família inteira envolvida com o Candomblé. Respondi a ele afirmando que compreendi. Por ter me sentido um pouco sem jeito com a resposta dele, procurei subitamente mudar o foco, para fazer outra colocação e me referi aos homens que mesmo estando no bar, ali perto, não deixaram de participar e ressaltei que achei bacana a interação.

Para não ser inconveniente demais, resolvi me despedir, comentando com ele que eu deveria ir embora logo, pois a viagem seria longa. Gentilmente ele perguntou para onde eu estava indo e eu respondi que para Campo Grande, Zona Oeste. Ele respondeu afirmando que sabia onde era e que já havia morado em Campo Grande também. Como eu sabia deste fato, quase que automaticamente respondi: “Pô, tô ligado!” (Essa informação obtive ouvindo o testemunho de Waguinho, em um culto em Bangu, bairro também na Zona Oeste).

Waguinho, por sua vez, interrogou um dos integrantes da banda, perguntando se este não estaria indo na mesma direção em que eu. Para meu azar ou sorte, o rapaz estava indo para outra localidade. Percebi que, talvez, em virtude do horário, distância, dificuldades de acesso ao transporte público e até mesmo questões de violência urbana, ele estava empenhado em me conseguir uma carona. Falei para que ele não se preocupasse, pois eu já estava acostumado a rodar pelo Rio e meu ônibus ainda estava rodando naquele horário. Waguinho perguntou se eu tinha certeza disso e se “tá tranquilo, mermo?”. Ratifiquei que ele não precisava se preocupar, agradei sorrindo, e vagarosamente fui deixando o local, caminhando em direção ao ponto de ônibus. Voltando pela mesma rua que antes havia descido, lembrei que teria que enfrentar a subida da ladeira. Acelerei o passo, para não demorar muito a chegar em casa.

Já na pista transversal à rua onde ocorreu o evento, virei à direita e fui em busca de um ponto de ônibus, quando num ‘ponto cego’ de uma das esquinas, eis que surge o bendito ônibus, o 451T. Fiz sinal, para que ele parasse, sem muita esperança de que o motorista fosse atender, mas ele parou, mesmo fora do ponto. Voltei correndo para embarcar.

Quando tomei assento, não somente meu coração, mas também minha mente estava acelerada, em ebulição, por causa das coisas que ali vi, senti, vivenciei.

## CONCLUSÃO

As conclusões iniciais deste trabalho apontam para uma abordagem da música gospel (Bandeira,2017) e, sobretudo, do "Samba Gospel" não como prática proselitista ou apropriação indébita de uma determinada Cultura; ainda que isto possa ocorrer, em diversos níveis. Por esta razão, faz-se necessário aprofundar nossas reflexões sobre a questão da Cultura nas periferias urbanas, para desmistificar do imaginário popular uma suposta homogeneidade territorial acerca dessas localidades e das pessoas que por ela circulam e habitam. Outra questão relevante que este trabalho nos apresenta é a (re) formulação das subjetividades dos atores sociais deste campo. As interações realizadas entre pentecostalismo e o samba geram produtos e sociabilidades que contradizem as imagens estereotipadas acerca dos Pentecostais e de seu modo de vida. Além disso, esta pesquisa nos incita a retomar conceitos e debates tais como a questão da raça, secularismo, laicidade, presença pública do religioso. Por fim, é interessante voltarmos nossa atenção para o caráter das performances, estéticas, mídias sociais e outras formas de mediação (Meyer,2018).

O imbricamento de elementos que compõem o "Samba Gospel" faz dele um produto híbrido, capaz de acessar espaços, pessoas e rotinas das quais outras sonoridades não teriam a mesma possibilidade. Desta forma, músicos e cantores que negociam a articulação entre samba e pentecostalismo. As interações entre estes elementos não são necessariamente conflituosas, tão pouco pacíficas, mas são tensas e exigem, antes de tudo, uma negociação consigo mesmo. Sendo assim, estão longe de ser um acordo ideal, mas é o acordo possível, dentro do contexto em que é produzido. Ainda assim, os agentes envolvidos nesta relação retroalimentam a circulação de sons, símbolos e saberes que remodelam o "secular" e são por eles alterados. Por esta razão, adoto a perspectiva de que, muito além de um mero artefato de entretenimento ou parte acessória nos ritos e experiências religiosas, a música gospel é, assim como o samba e o funk, parte integrante da vida das pessoas nas margens da cidade; uma poderosa formulação cultural para (re) mediar a dor, reencantar a vida e encarar a realidade.

## Referências bibliográficas:

ASAD, Talal. Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity. California. Stanford University Press. 2003.

BANDEIRA, Olívia. “Música gospel no Brasil: reflexões em torno da bibliografia sobre o tema”. *Religião & Sociedade*, v. 37, n. 2, 2017, pp. 200-28

CABRAL, Sérgio. As escolas de samba do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

CUNHA, Magali do Nascimento. (2007), A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X.

DE OLIVEIRA JUNIOR, Mauro Cordeiro; DA CRUZ JÚNIOR, Leonardo José Gama. SAMBISTAS (E) EVANGÉLICOS?. *Policromias-Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som* , v. 5, n. 2, pág. 833-847.

GIUMBELLI, Emerson. (2008), “A presença do religioso no Espaço Público: modalidades no Brasil”. *Religião e Sociedade*, vol. 28, n.2: 80-100.

GUERREIRO, Clayton. “Hoje à noite vai ter reteté, pô!”: evidências de conflitos cotidianos em rituais pentecostais. *Debates do NER* , Porto Alegre, v. 2, n. 34, p. 123-154, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates-doner/article/view/89949>. Acesso em: 2 set. 2019.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte/ Brasília: Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MACHADO, Carly. SAMBA GOSPEL: Sobre pentecostalismo, cultura, política e práticas de mediação nas periferias urbanas do Rio de Janeiro. *Novos estud. CEBRAP* [online]. 2020, vol.39, n.1, pp.81-101. Epub 10-Jun-2020. ISSN 1980-5403.

MEYER, Birgit. A estética da persuasão: as formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. In: *Debates do NER*, Porto Alegre, v.19, n.34, pp. 13-45, 2018.

MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 74, p. 47-65, 2006.

\_\_\_\_\_. Religião cívica, religião civil, religião pública: continuidades e descontinuidades. *Debates do NER*, v. 1, n.33, p. 15-39, 2018.

MOURA, Roberto. Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração. 1995.

\_\_\_\_\_. No princípio, era a Roda. Um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

OOSTERBAAN, Martijn. “Spiritual Attunement: Pentecostal Radio in the Soundscape of a Favela in Rio de Janeiro”. *Social Text*, v. 26, n. 3, 2008, pp. 123-145.

PAZ, Sthefanye. Tonzão entre dois “mundos”: mediações e agência entre o funk e a igreja. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PEREIRA, Réia Sílvia Gonçalves. “Juventude é curtidão, o problema é se Jesus voltar”: cultura funk, pentecostalismo e juventudes nas camadas populares. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p. 41-62, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872018000300041](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872018000300041). Acesso em: 2 set. 2019.

SANT’ANA, Raquel. (2014), “O som da Marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus”. *Religião & Sociedade*, 34(2): 210-231.

SILVA, Vagner Gonçalves da. 1995. Orixás da metrópole. Petrópolis: Vozes. \_\_\_\_\_. 2005a. Candomblé e umbanda. São Paulo: Selo Negro. \_\_\_\_\_. 2005b. “Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica”. *Revista USP*, 67:150-175.